

Discursos radiofônicos sobre os ídolos do futebol: um gesto de olhar para a narração da final da copa do mundo de 1970

Radio speeches on football idols: a gesture of looking at narration of the 1970 cup final

Discursos radiales sobre los ídolos del fútbol: un gesto de mirada a la narrativa de la final del mundial de 1970

Mateus Oliveira Silva e Vinícius Durval Dorne

Resumo

Este artigo se dedica a compreender como a transmissão futebolística da emissora Rádio Nacional constrói discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte, focando nos atletas da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 1970. Nos valem dos Estudos Discursivos Foucaultianos, a fim de observar as regularidades discursivas presentes na narração. A análise recai sobre como o discurso fabrica os sujeitos sobre os quais fala, objetivando-os e, não obstante, subjetivando-os neste mesmo processo. Nomeação valorativa dos jogadores; Narrativa das jogadas de destaque; Avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; Comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica à de torcedor; e Sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio – estas são as cinco regularidades encontradas. Observou-se que um ídolo é criado no exato momento em que o discurso é produzido e colocado em circulação para os ouvintes brasileiros, produzindo sentidos sobre e para os atletas.

Palavras-chave: Discurso, Transmissão Futebolística, Rádio, Ídolos, Futebol Brasileiro

Sobre os autores

Mateus Oliveira Silva

mateus-oli@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6905-3379>

Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Tecnologias, Comunicação e Educação pela mesma instituição.

Vinícius Durval Dorne

dorne.vinicius@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6905-3379>

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp), com sanduíche no Programa Ciências da Comunicação, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e graduado em Comunicação Social/Jornalismo e Letras – Português/Inglês pelo Centro Universitário Cesumar. Atualmente, é professor adjunto da Faculdade de Educação, lecionando no curso de Jornalismo, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e no Mestrado Profissional Interdisciplinar em Tecnologias, Comunicação e Educação da UFU. Membro dos Grupos de Pesquisa Laboratório de Estudos

>> **Informações adicionais:** artigo submetido em: 25/03/2022 aceito em: 22/05/2023.

>> **Como citar este texto:**

SILVA, Mateus Oliveira; DORNE, Vinícius Durval. Discursos radiofônicos sobre os ídolos do futebol: um gesto de olhar para a narração da final da copa do mundo de 1970. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 47-75, jan./jul. 2023.

Discursivos Foucaultianos (Ledif, do qual é vice-líder), do Instituto de Letras e Linguística, e Interfaces Sociais da Comunicação: Tecnologias, Políticas e Culturas, ambos da UFU.

Abstract

This article seeks to understand how the football broadcast from Rádio Nacional discursively builds the national idols of the referred sport, emphasising the athletes of the Brazilian National team of the 1970 World Cup. We make use of Foucauldian Discursive Studies to observe the discursive regularities present in the narration. The action of analysis is directed on to how the discourse generates the subjects it talks about, objectifying them and, furthermore, subjecting them in the same process. Evaluative attribution of players; Narrative of their highlights in the field; Evaluation of refereeing: the challenge in the hero's journey; Commentator and narrator: from the subject position of specialist/technician to that of a fan; and Sound design: soundtrack, sound effects and silence, are the five regularities found. It observed that an idol is created at the exact moment when the speech is produced and put into circulation to the Brazilian listeners, producing meanings about and for the athletes.

Keywords: Speech, Soccer Broadcast, Radio, Idols, Brazilian Soccer

Resumen

Este artículo se dedica a comprender cómo la transmisión de fútbol de Radio Nacional construye discursivamente los ídolos nacionales de ese deporte, centrándose en los atletas de la Selección Brasileña de la Copa del Mundo de 1970. El gesto de análisis recae en cómo el discurso produce los sujetos de los que habla, objetivándolos y, sin embargo, someténdolos en un mismo proceso. Designación evaluativa de jugadores; narrativa de las actuaciones destacadas; evaluación del arbitraje: el desafío en la trayectoria del héroe; comentarista y narrador: de la posición de sujeto de especialista/técnico a la de aficionado; y diseño sonoro: banda sonora, efectos sonoros y silencio son las cinco regularidades encontradas. Se observó que se crea un ídolo en el momento exacto en que el discurso es producido y puesto en circulación para los oyentes brasileños, produciendo significados sobre y para los atletas.

Palabras clave: Discurso, Transmisión del fútbol, Radio, Ídolos, Fútbol brasileño

Introdução

O foco deste artigo recai propriamente na construção discursiva dos ídolos nacionais do futebol brasileiro em transmissões futebolísticas no rádio, mais especificamente na transmissão da final da Copa do Mundo de 1970, disputada entre Brasil e Itália.

Em primeira instância, é necessário frisar o pioneirismo da Rádio Clube de Pernambuco como a que deu início às transmissões radiofônicas, no Brasil, em 6 de abril de 1919. Ferraretto (2009) expõe que, juntamente com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, foram as primeiras que se desenvolveram como estações de rádio em território brasileiro. Após isso, com o desenvolvimento tecnológico e estrutural, as grades de programações das emissoras foram se desenvolvendo em músicas, entretenimento, de modo a fortalecê-lo como meio de comunicação (ABREU, 2001). Antes considerado um esporte elitizado, o futebol se transformou em um evento popular e as transmissões futebolísticas tiveram um papel primordial na construção de grandes ídolos para o público que acompanhava o esporte.

Sobre a primeira transmissão de futebol no rádio, Götz (2020) afirma que o primeiro locutor esportivo do Brasil foi Abílio de Castro, pela Rádio Clube de Pernambuco, a emissora mais antiga do país, sendo um dos pioneiros nas transmissões no Norte/Nordeste. Naquela época, as transmissões futebolísticas se resumiam a boletins informativos para os ouvintes. Com o desenvolvimento das transmissões ao passar do tempo, o futebol foi se consolidando na grade das principais estações radiofônicas.

Dessa forma, tanto o rádio quanto o próprio esporte criaram uma união bilateral em que ambos se retroalimentam. Por um lado, as estações pretendiam, ao utilizar-se do futebol, atrair mais ouvintes e, conseqüentemente, valorizar sua marca. Ao mesmo tempo, essas transmissões contribuíram para ampliar ainda mais o número de adeptos e simpatizantes do esporte em território brasileiro.

Soares (1994) expõe que, tornando-se cada vez mais velozes e dinâmicas, as transmissões futebolísticas no rádio tiveram seu ápice nas Copas do Mundo de Futebol de 1958 e 1962. Ainda como o principal meio de comunicação, o rádio foi o responsável por transmitir os dois títulos da Seleção Brasileira. Em 1962, a cobertura radiofônica foi intensa, criando um cenário em que as transmissões futebolísticas no rádio se tornaram um fenômeno do cotidiano da maioria dos brasileiros, que acompanhavam e consumiam o maior evento mundial esportivo.

Foi exatamente nas Copas de 1958 e 1962 que os atletas de futebol (da Seleção Brasileira, especificamente) foram dados como grandes ídolos e heróis nacionais, potencializados, claro, pelos títulos mundiais conquistados pela Seleção em tais anos. Como na época ainda não havia transmissão via televisão, foi o rádio o grande responsável por criar essa ponte entre a Seleção e a torcida (sociedade brasileira).

Todo esse processo culminou no estabelecimento de um vínculo permanente entre o rádio, os atletas e os amantes do esporte. A hegemonia dessas transmissões futebolísticas perdurou até a Copa do Mundo de 1970, quando a televisão começou a despontar como uma outra via para acompanhar os jogos de futebol (GUERRA, 2006).

Com os atletas da Seleção Brasileira já consagrados com o bicampeonato e em busca do tri, a transmissão radiofônica da Copa do Mundo de 1970 foi a consolidação de um sistema comunicativo radiofônico que estabeleceu uma ligação intrínseca entre os ídolos do esporte e este meio de comunicação. Frente a todo esse histórico, levantamos a seguinte questão norteadora deste artigo: Como a transmissão radiofônica da final da Copa do Mundo de 1970, realizada pela Rádio Nacional, construiu discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte? Para tanto, nos valem dos Estudos Discursivos Foucaultianos, especialmente nas reflexões concernentes à função enunciativa, discurso-saber-poder, e sujeito. Conforme Orlandi (2013), considera-se a análise do discurso como um método pois a própria tem procedimentos já definidos em sua essência.

De modo distinto da análise de conteúdo, “a Análise de Discurso considera que a linguagem não é transparente. Desse modo, ela não procura atravessar o texto para encontrar um sentido do outro lado” (ORLANDI, 2013, p. 17). Para a realização desse empreendimento analítico, Orlandi (2013) explica que são necessários dois movimentos fundamentais: descrever e interpretar o objeto.

Nesse esteio, então, houve o exercício de análise, em um batimento entre descrição e interpretação. Compreende-se que todo o constructo teórico e o dispositivo de análise foram construídos a partir da pergunta discursiva levantada como norteadora deste trabalho. Em busca de respondê-la, como gesto de análise, decidiu-se por observar quais eram as regularidades discursivas constitutivas do corpus analisado.

A partir da leitura do objeto analisado, movimento amparado pelas reflexões teóricas realizadas pelo analista, observaram-se cinco regularidades: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio.

A transmissão⁹ radiofônica tomada como objeto de análise tem ao todo 1h 49 '11", e conta com dois narradores, Jorge Curi e Waldir Amaral, com comentários de Luiz Mendes e Mário Vianna e complementos de Willy Gonser e Paulo César Tenius. Sobre o contexto histórico da narração, havia uma grande expectativa da Seleção Brasileira para conquistar o tricampeonato, após o vexame na edição anterior, em 1966. A final terminou 4 a 1 para o Brasil, com gols de Pelé, Gérson, Jairzinho e Carlos Alberto Torres.

Com isso, é importante salientar que este artigo é relevante no âmbito acadêmico. Após um levantamento bibliográfico, observou-se uma escassez de estudos relacionados às transmissões futebolísticas no rádio e como isso se relaciona com a criação de grandes ídolos nacionais do esporte em

⁹ A transmissão completa se encontra no link: <https://www.youtube.com/watch?v=ya5N1JbEPpQ>

questão. As pesquisas analisadas no levantamento bibliográfico, em sua maioria, se estabelecem em um nível mais analítico e observativo da relação entre o esporte e o meio de comunicação (o rádio). Esta pesquisa avança e abre uma reflexão teórica sobre a forma como as transmissões futebolísticas de rádio podem criar grandes ídolos nacionais.

Além disso, este artigo também se justifica em relação à sua relevância social. Estudar as transmissões futebolísticas de rádio pode auxiliar jornalistas esportivos em suas práticas profissionais do dia a dia. Conhecer a teoria aprofundada sobre a relação entre as transmissões e os ídolos nacionais é fundamental na prática do comunicador esportivo, podendo aperfeiçoar e refletir sobre o seu próprio fazer.

Por ser o esporte mais popular do Brasil, a pesquisa pode ser útil a uma parcela considerável da população brasileira que acompanha o esporte. Por conta disso, a relevância social está na própria importância que o tema tem no debate cultural e histórico da sociedade brasileira.

Discussões e análise

Antes de nos debruçarmos sobre o gesto de análise da narração em questão, se faz necessário elencar alguns temas e conceitos, a partir de seus respectivos teóricos, que subsidiam o estudo, sendo eles: rádio e futebol, discurso/discurso midiático e ídolos do futebol brasileiro. Logo em seguida, apresentamos as reflexões advindas da análise discursiva feita pelos pesquisadores.

Rádio e futebol

Conforme Guerra (2006), tanto o rádio quanto o futebol ganharam popularidade até chegarem ao posto de paixões nacionais. O rádio foi a principal mídia eletrônica até meados do século 20, presente em todas as casas das mais diversas classes sociais. O futebol, esporte mais popular no país, é praticado e assistido por milhões de brasileiros. Segundo o autor, esta

relação se mantém até hoje em dia, uma vez que o futebol é ainda narrado pela forma estabelecida pelo rádio décadas atrás. Assim, o rádio pode ser o responsável por moldar a narrativa do referido esporte, tanto nas transmissões quanto nas mentes dos ouvintes.

Guerra (2006), ainda, esclarece que não é coincidência que ambos (rádio e futebol) tenham caído no gosto popular durante o mesmo período. Isso se justifica, pois um deve ao outro parte de seu crescimento:

ligado às coberturas esportivas. A necessidade de se criar para as transmissões fez com que soluções técnicas fossem logo descobertas e implantadas” (GUERRA, 2006, p. 21)

O pesquisador reforça que o rádio sempre teve como virtude uma capacidade de se reinventar e de encarar novos desafios. Assim, foi a partir da cobertura esportiva que houve um desenvolvimento do jornalismo como um todo, abarcando estratégias, equipamentos e formas de cobrir determinado acontecimento.

Ainda debatendo sobre como se deu a popularização do futebol por meio do rádio, Almeida (2004) assevera que os torcedores só começaram a frequentar as arquibancadas por volta de 1910. Naquela época, o público era elitizado, ou seja, “os intelectuais ainda gostavam de futebol e comparavam, em artigos derramados e versos eloquentes, os jogadores a deuses gregos, os estádios ao Olimpo. Desde que os 'deuses' e os 'olimpós' pertencessem, é claro, à elite, nacional ou estrangeira” (ALMEIDA, 2004, p. 4). O pesquisador afirma que, enquanto a elite assistia das arquibancadas, a classe média enchia os estádios com muita paixão e entusiasmo, sempre acompanhando as partidas pelo rádio. Dessa forma, o interesse pelo esporte aumentou e o público passou a se estabelecer em classes menos elitistas e mais populares.

Discurso/discurso midiático

Em primeira instância, Foucault (1960) chama de discurso um conjunto de enunciados apoiados em uma mesma formação discursiva. Isso significa que há um número limitado de enunciados, definindo, dessa forma, condições

de existência para tal discurso aparecer e circular na sociedade. Ou seja, todo discurso se materializa em enunciados.

Conforme Fernandes (2012), o discurso em termos foucaultianos se estabelece como uma “reverberação” de uma verdade que nasce diante dos olhos do próprio sujeito, concretizando-se em enunciados materialmente existentes, “são proposições que adquirem caráter de verdadeiras passando a constituir princípios aceitáveis de comportamento” (FERNANDES, 2012, p. 19).

Nesse sentido, o discurso pode ser considerado “um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo espaço, que definiram em uma dada época, e para uma área social, econômica [...] as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2009, p. 43). Sobre tal função, o filósofo elucida alguns elementos fundamentais no entendimento do que é posto como função enunciativa, que são eles: materialidade, campo associado, referencial e posição sujeito.

Foucault (2009), em sua obra intitulada *A Arqueologia do Saber*, ao examinar o enunciado, descobriu que tal função se apoia em conjuntos de signos, necessitando de um referencial, um sujeito, um campo associado e uma materialidade. Conforme o autor, a materialidade desempenha um papel muito importante, sendo ela a constitutiva do próprio enunciado, ou seja, o enunciado precisa ter um suporte. Sobre o campo associado, o filósofo revelou que é a partir deste campo que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado, permitindo ter um contexto determinado.

Já em relação ao referencial do enunciado, Foucault (2009) observa que o mesmo forma a condição de um enunciado existir, definindo as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu valor de verdade.

Sobre essa função enunciativa disposta pelo discurso, Sargentini e Navarro (2004, p. 26) explicam que o “enunciado é um conjunto de signos em função enunciativa”. Tal característica do enunciado é uma questão bastante discutida pelos autores. Conforme os mesmos, há uma relação intrínseca

entre o enunciado e o que ele enuncia.

Conforme Foucault (2009), a materialidade desempenha um papel muito importante, sendo ela a constitutiva do próprio enunciado, ou seja, o enunciado precisa ter um suporte. Sobre o campo associado, o filósofo explicita que todo enunciado mantém ligação com outros enunciados (seja para sucedê-los, refutá-los, silenciá-los, retomá-los), sendo que é a partir deste campo que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado, permitindo ter um contexto determinado.

Sousa (2017) explica que o enunciado, na visão foucaultiana, rompe com as formulações da gramática tradicional e com correntes funcionalistas fundadas em uma busca do sentido que está inserido nas frases, textos ou discursos. Trata-se de tomar o enunciado em sua singularidade, como um acontecimento irreduzível às concepções de atos de fala, frases, proposições.

Desta forma, conforme Gregolin (2007), o discurso pode ser considerado uma prática social, historicamente determinada, que constitui os sujeitos e os objetos. Tomando por base a mídia como prática discursiva, é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito que estão ali assinaladas, as materialidades que dão forma aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem com a história e a memória. "Trata-se, portanto, de procurar acompanhar trajetórias históricas de sentidos materializados nas formas discursivas da mídia (GREGOLIN, 2007, p.13)."

No funcionamento dos discursos midiáticos, destaca-se o papel da memória, noção discutida por Michel Pêcheux (1999). Segundo o autor, a formação de uma memória se marca a partir de um jogo de retomadas e de efeitos de paráfrase. Com isso, esclarece que a transformação de um acontecimento em memória está em um jogo de forças entre o acontecimento, que é novo, e a sua estabilização sob a forma de memória. Pêcheux (1999, p. 52) considera que a "memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os 'implícitos'".

Gregolin (2007) explica que há sempre um cruzamento entre passado

e presente, o que chama de memória discursiva. Conforme a pesquisadora, as novas representações são agenciadas com os sentidos já tradicionais, ou seja, é como “nó em uma rede”, em que cada enunciado se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades através justamente de uma memória discursiva.

Ídolos do futebol brasileiro

Helal (2003) afirma que as construções midiáticas presentes nas transmissões futebolísticas só são possíveis porque o futebol é a modalidade esportiva mais importante no Brasil, tanto que é considerado um dos principais elementos da cultura nacional. Com esse grau de importância, evidentemente, tal esporte sofre grande influência da mídia em geral, recebendo enorme cobertura por parte da imprensa. Dessa forma, é impossível dissociar do fenômeno esportivo os meios de comunicação e a organização social presente no espetáculo. Nesse sentido, Rubio (2002) propõe que, ao analisar o futebol, deve-se considerar que este é um fenômeno cultural de grande magnitude na sociedade, possibilitando apresentar inúmeras situações e manifestações em relação aos diversos grupos sociais envolvidos.

Segundo Campbell (1995), uma das maiores construções discursivas que surgem entre a mídia e o futebol é a figura do herói. Esse herói é caracterizado como um futebolista que conseguiu superar as dificuldades e conquistou feitos relevantes no cenário competitivo do esporte. Assim, o autor explica que a “saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p.36).

Conforme Rubio (2002), o papel exercido pela mídia nos eventos esportivos faz com que o atleta profissional do esporte contemporâneo tenha sido reconhecido como uma personalidade pública, ídolo e herói. Isso se dá

porque a figura dos atletas está associada ao sucesso, à fama e a uma vida vitoriosa, ou seja, valores cultivados pela sociedade atual. Nesse sentido, Marques (2005) destaca que o universo esportivo é propício para a formação de ídolos e heróis, pois os atletas e jogadores de futebol são constituídos em um processo intensamente estabelecido por construções midiáticas.

De acordo com Helal (2003), essa característica presente nos jogadores de futebol, de um “ídolo-herói”, acaba por transformar o universo futebolístico em um terreno fértil para a produção de narrativas heróicas por parte do público. Conforme pontua, as façanhas dos ídolos despertam a curiosidade do público que consome os eventos. Com isso, suas respectivas trajetórias rumo à fama são “editadas” na mídia, enfatizando certos aspectos, potencializando, assim, a produção de ídolos nacionais. Assim, considerando tais reflexões, a partir deste momento, apresentamos nosso gesto de análise que busca responder a seguinte questão norteadora: Como a transmissão radiofônica da final da Copa do Mundo de 1970, realizada pela Rádio Nacional, construiu discursivamente os ídolos nacionais do referido esporte?

Nosso gesto de análise

Neste momento, realiza-se o gesto de análise do corpus a partir de algumas entradas propostas no próprio movimento de análise. Neste caso específico, as regularidades discursivas observáveis na narração tomada como objeto deste artigo são: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica a de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio. Ainda que tais regularidades sejam apresentadas, dado seu caráter didático e estrutural, em tópicos próprios, compreende-se que, como é próprio do funcionamento discursivo, elas não existem isoladamente e, são constitutivas do próprio discurso: estão intimamente ligadas.

Nomeação valorativa dos jogadores

Ao decorrer da narração escolhida, é possível observar uma nomeação valorativa dos jogadores brasileiros e, na mesma medida, uma ausência desse movimento a respeito dos jogadores italianos. Essa valoração é dada pelo uso constante de apelidos e expressões que remetem somente aos jogadores brasileiros. Um dos principais nomes citados é de Roberto Rivellino, meia atacante da Seleção Brasileira. No minuto 14' 35", o narrador diz "Olha o tiro de Riva!", referindo-se ao jogador. No minuto 19' 28", o narrador também fala "Combinou com Riva no comando". O mesmo acontece no minuto 22' 36", quando o narrador diz "Põe na esquerda pra Riva". No minuto 24' 30", também pode ser evidenciado em "Vai, Riva. Dispara, Riva". Estes são somente alguns dos vários exemplos em que o narrador se refere a Rivellino como "Riva". A contração do nome do atleta na referida locução, não obstante, produz sentidos de proximidade, que o desloca de um simples jogador anônimo, e o coloca numa relação outra, muito mais íntima com o público.

Outro atleta brasileiro em que pode ser analisada essa nomeação valorativa é o atacante brasileiro Edson Arantes, o Pelé. É possível observar que em vários momentos este atleta é denominado por rei. No minuto 15' 25", o narrador diz "Dominou o rei!", referindo-se ao atleta em destaque. O mesmo acontece no 31' 29", quando verbaliza: "A bola vai na conta na cabeça do rei". Já no minuto 35' 10", ele diz: "Para o rei, atrasa a jogada para Gérson". Assim como Rivellino, o narrador ao longo da transmissão de rádio em momentos específicos dá a Pelé o título de rei.

Além de Rivellino e Pelé, outros dois jogadores também são nomeados não por seus nomes, mas por apelidos. O volante da Seleção Brasileira, Clodoaldo, geralmente é descrito como "Clodô". Isso pode ser observado no minuto 22' 46", quando o narrador fala "Clodô pela direita" e também no minuto 29' 27", sendo dito pelo comunicador esportivo: "Desde Clodô pela direita". O outro jogador é Gérson, meia esquerda da Seleção Brasileira, sendo chamado geralmente por "o canhotinha de ouro". No minuto 24' 06", isso acontece em "Vai levando o canhotinha de ouro do futebol brasileiro", assim

como no minuto 29' 21", quando o narrador diz "Vai caminhando o canhotinha de ouro", ou também no minuto 33' 22" em "Vai o canhotinha trabalhando".

A partir dos excertos acima, observa-se que o uso de apelidos e expressões dadas aos jogadores pelo narrador responde a uma dada demanda enunciativa: uma tentativa de dar valor ao jogador brasileiro, excluindo os jogadores italianos. Ao fazer isso, o narrador busca trazer uma identidade aos jogadores da Seleção Brasileira. Assim, conforme Sargentini e Navarro (2004), o processo de produção de identidade decorre do fato de cada enunciado colocar em cena o sujeito, o que eles dão o nome à memória do dizer. "A identidade vai, pois, sendo construída a partir da memória que emerge em determinados momentos, sempre lembrando que em cada emergência há a produção de um novo sentido, nunca o mesmo" (SARGENTINI, NAVARRO, 2004, p.121).

Há uma tentativa, também, de humanizar o jogador brasileiro, justamente por meio desses apelidos, aproximando o ouvinte do atleta. Sobre tal humanização, Almeida (2004) coloca que o processo de popularização do futebol se deu pela utilização de um vocabulário informal. Abreu (2001, p. 3) auxilia revelando que as expressões fazem parte do "vocabulário popular, seja porque dele foram extraídas, seja porque acabam sendo absorvidas por força da mídia. Temos aqui um caso de interação de linguagem, em que locutores e ouvintes se complementam".

Quando o narrador diz "Riva" e não Rivellino, há a produção de uma identidade, que coloca o sujeito Rivellino em cena. Isso produz um novo sentido ao jogador, não sendo considerado apenas um atleta de futebol, mas um jogador próximo e até amigo. O apelido é caracterizado historicamente por algo que se dá a um amigo ou a alguém bem próximo. Com isso, é a partir dessa análise discursiva do enunciado "Riva" que se pode observar uma tentativa de produzir identidades nos jogadores da Seleção Brasileira. O mesmo pode ser observado quando o narrador utiliza "Clodô" em vez de Clodoaldo.

Já sobre Pelé, denominado como "rei", o enunciado retoma outros

discursos criados historicamente sobre o jogador, no funcionamento do campo associado. O sentido circunscrito nesse enunciado possibilita observar então que há um “reino” no futebol mundial e que este precisa de um rei para que o mesmo possa existir. Dentre tantos jogadores que poderiam estar neste posto, somente o jogador brasileiro é apto para estar. Esse jogo enunciativo se efetiva a partir do funcionamento de uma memória discursiva (GREGOLIN, 2007). Ou seja, há sempre um cruzamento entre passado e presente, em que cada enunciado se relaciona com outras séries de formulações, com outros trajetos que se cruzam e constituem identidades no funcionamento da memória discursiva. Dessa forma, o enunciado “rei” só é validado por formulações anteriores, possibilitando sua circulação na sociedade brasileira.

Por fim, é possível analisar, também, a produção de sentido dada a Gérson, denominado pelo narrador como “canhotinha de ouro”. Primeiro, é necessário avaliar o porquê do enunciado “canhotinha” e não “canhota”. Historicamente, enunciados no diminutivo dão um sentido de intimidade e carinho, fato que não acontece quando é utilizado “canhota”. Dessa forma, este enunciado produz sentidos de aproximação do jogador e público, ao longo da partida. A utilização do enunciado “ouro” também pode ser analisada com esse mesmo olhar.

A produção de sentidos de “ouro” se refere historicamente como algo raro, difícil de ser encontrado na natureza com certa facilidade. Ou seja, há uma produção de sentidos que coloca Gérson como um jogador único, algo que não pode ser encontrado em outro lugar que não seja em solo brasileiro. Sobre esse olhar, Navarro (2012) expõe que, ao analisar determinado enunciado midiático, a investigação das memórias ali presentes e suas relações de sentido podem contribuir na observação do funcionamento das práticas discursivas materializadas nos enunciados midiáticos.

Narrativa das jogadas de destaque

Uma das regularidades mais marcantes na narração é a narrativa em

jogadas de destaque, sempre utilizando adjetivos, metáforas, advérbios e outros recursos discursivos para descrever as jogadas dos brasileiros. Observa-se a presença dessa regularidade em lances de perigo, como por exemplo em chutes para o gol adversário ou dribles realizados pelos atletas brasileiros.

Na materialidade, observamos quando o narrador fala sobre um chute de um jogador brasileiro, no minuto 1h 04' 31", em "Correu o garoto, disparou a mortífera, defendeu!". Nesse caso, há a utilização do adjetivo "mortífera" para qualificar o chute do atleta brasileiro. Essa característica pode ser vista também logo em seguida, no minuto 1h 04' 52", em "Inteiramente livre, o zagueiro nacional que atua splendidamente". O uso do enunciado "esplendidamente" qualifica a atuação do zagueiro brasileiro, diferentemente daquilo narrado quando são os jogadores italianos os donos das ações de jogo. Também no minuto 1h 14' 48", o narrador diz: "Situação excepcional para Rivellino, mas pode bater também Pelé". Há nesse caso também o adjetivo "excepcional", qualificando a situação que pode resultar em um gol brasileiro.

O mesmo acontece no minuto 1h 08' 00", quando o narrador diz "quase que a trama diabólica resulta no segundo tento". O uso de "diabólica" mais uma vez qualifica a jogada brasileira que quase terminou em um gol. O comentarista, ao relatar um chute de um jogador brasileiro, também faz uso de adjetivos, no minuto 1h 09' 18" quando diz, "Ele trabalhou excepcionalmente bem, o garoto do parque, atirou entretanto com violência, muito alto, pela linha de fundo". Em outro momento, no minuto 1h 13' 05", o comentarista dá sua opinião sobre uma jogada brasileira: "A jogada foi sensacional, o tiro carimbou o poste superior da baliza italiana, quase Rivellino, quase o segundo gol". Nesse enunciado, além do adjetivo "sensacional", é notória a utilização do advérbio "quase".

Um momento específico em que pode ser observada a utilização constante de adjetivos, superlativos e outros recursos discursivos é nos gols brasileiros. No segundo gol, por exemplo, no minuto 1h 19' 20", o narrador se exalta ao descrever o gol brasileiro: "Gérson, Gérson, Gérson, desempata com

um golaço, um tirambaço, Gérson, pode ser o gol do campeonato, Gérson, oito é a camisa dele, indivíduo competente o Gérson”. Logo em seguida, no minuto 1h 19' 58”, o comentarista relata o gol brasileiro da seguinte forma: “espetacular o gol do canhotinha, atirou com a esquerda mortífera”. Com isso, é necessário destacar os superlativos “golaço” e “tirambaço” e também a utilização dos adjetivos “competente” e “espetacular”, sempre retomando as jogadas ou os jogadores brasileiros que executaram tal ação de jogo.

Adjetivos presentes na narração, citados acima como “esplendidamente”, “excepcional”, “sensacional” e “espetacular”, são utilizados geralmente para caracterizar produções artísticas, como óperas, peças de teatro, exposição de quadros, entre outros. Dessa forma, constrói-se o futebol brasileiro como uma produção artística da mais alta qualidade e que o público (os ouvintes) deve apreciá-lo. Nesse caminho, Soares (1994) acredita que uma das características mais marcantes do rádio esportivo é transformar o evento em propriamente um espetáculo. “O rádio esportivo foi e continua sendo como um teatro. Os locutores apresentam o espetáculo e o ouvinte aplaude os artistas” (SOARES, 1994, p. 34).

O futebol como um espetáculo e um produto artístico também é defendido por Abreu (2001), afirmando que o rádio esportivo constrói um verdadeiro show. Segundo o autor, tal construção narrativa do evento tem apelo sensorial, lançando mão de sonorização ambiente e de uma riqueza descritiva. Assim, a narração realça o futebol como um espetáculo que passa apenas de um mero entretenimento, mas sim uma produção mais sofisticada e com traços de elegância.

Assim, o uso desses enunciados permite tal produção de sentidos, possibilitando que o futebol seja tido como uma arte e os jogadores brasileiros sejam vistos como artistas. Esse discurso se faz presente no cenário futebolístico brasileiro, ou seja, esses discursos constituíram o que era entendido como futebol brasileiro em 1970. Um “futebol arte” em que nenhuma outra nacionalidade poderia fazer páreo com o que era jogado aqui no Brasil.

Observamos essa construção discursiva sobre o futebol-arte, bem como seus jogadores, no minuto 1h 24' 16", quando o narrador diz: "É a vitória da raça, da fibra, da garra, do coração, é vitória de noventa milhões que amam esse querido e imenso Brasil". O funcionamento deste enunciado qualifica a vitória brasileira como uma verdadeira guerra. Nas guerras entre duas nacionalidades, é preciso ter fibra, raça e garra, pois sem esses componentes não há vitória. É como se os jogadores estivessem no campo de batalha duelando contra outra nacionalidade. A produção desse sentido reforça ainda mais a narrativa de que são necessárias muitas lutas e batalhas para a conquista do título mundial, valorizando, dessa forma, os feitos dos atletas brasileiros. Além disso, quando o narrador diz "É vitória de noventa milhões que amam esse querido e imenso Brasil", discursivamente, busca-se colocar a vitória como sendo de todos os brasileiros, como se todos os brasileiros estivessem em campo e tivessem vencido a batalha.

O uso de "noventa milhões" retoma a outros enunciados relevantes nesse cenário da Copa do Mundo de 1970. Um olhar histórico para tal enunciado é que o Brasil, na década de 70, vivia em uma ditadura militar. Conforme Rollemberg (1999), o país atravessava o período de maior popularidade do regime, sob a presidência de Emílio Garrastazu Médici, com o início do "Milagre Econômico". Assim, a vitória nas quatro linhas foi incorporada e associada a este momento positivo. Agostino (2002) complementa que o governo brasileiro explorou o tricampeonato através de todas as formas possíveis, buscando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a unidade entre os brasileiros. Com isso, ao utilizar-se de "noventa milhões", o narrador colabora para a unificação de todos os brasileiros, característica que era fundamental para o então atual regime político.

Neste mesmo ano, houve também o lançamento da música oficial da Seleção Brasileira para a referida Copa do Mundo. A música nomeada "Pra Frente, Brasil" se inicia com o trecho: "Noventa milhões em ação/ Pra frente, Brasil/ Do meu coração/ Todos juntos vamos/ Pra frente, Brasil/ Salve a

Seleção!”. Com isso, constituiu os ouvintes brasileiros que estão sendo bem representados pelos jogadores que estão em campo. Ou seja, cada um dos atletas ali está correndo não somente por si mesmo, mas por todos os ouvintes brasileiros. Nesse mesmo sentido, é como se não houvesse somente os onze jogadores em ação, mas noventa milhões de brasileiros que, apesar das dificuldades, sempre podem “vencer suas batalhas diárias”.

Avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói

Outra regularidade presente na narração em destaque são as pontuações do comentarista sobre a arbitragem. Em todo momento, é possível observar que o comentarista sempre relata algum acontecimento da partida como se a arbitragem estivesse atrapalhando e ajudando a equipe italiana de alguma forma. Tais comentários criam um cenário em que há barreiras, dificuldades e obstáculos que os jogadores brasileiros precisam enfrentar para conseguir êxito. Sobre esse funcionamento, Campbell (1995) reflete que o herói futebolista é caracterizado como um atleta que conseguiu superar as dificuldades e conquistou feitos relevantes no cenário competitivo do esporte. Assim, o autor explica que a “saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, os vence e retorna à casa, trazendo benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 1995, p. 36).

Dessa forma, a superação de obstáculos se dá como uma das características de todo ídolo futebolista. Campbell (1990, p. 133-134) conclui que as provações são concebidas para “ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”.

Conforme Helal (2003), a narrativa clássica do herói fala de superação de obstáculos, redenção e glória. O autor coloca que essa superação é como se o problema sofrido pelos jogadores aproximasse o ídolo dos fãs, aumentando a identificação e iniciando uma nova trajetória de ídolo esportivo.

Dessa forma, o pesquisador observa que essa trajetória possibilita a criação de ídolos esportivos, especificamente no futebol brasileiro.

Na materialidade analisada, observa-se que constantemente o comentarista expõe obstáculos que os jogadores brasileiros precisam ultrapassar; a arbitragem (o árbitro da partida era o alemão Rudolf "Rudi" Glöckner) sempre está contra a Seleção Brasileira. Em 34' 55", o comentarista se revolta com a marcação de um impedimento: "Absurdo, absurdo, absurdo, não houve impedimento".

No minuto 53' 43", também é possível observar esse no trecho "Esse juiz não entende, não conhece o que é bola prensada". O mesmo acontece no minuto 57' 18", em "A coisa mais absurda é essa advertência do árbitro ao atleta brasileiro, ele levou um pontapé propositadamente e ele marca a falta certa a favor do Brasil, e vai lá e adverte o jogador brasileiro, é um brincalhão". Logo em seguida, o comentarista se indigna novamente com o árbitro, no minuto 58' 19": "Senhoras e senhores, além de faltar quinze segundos, vejo o propósito da imparcialidade desse árbitro! Como ele marca com precisão cronométrica aquilo que não existiu? Pelé dominou a bola no peito, fez o gol e ele anulou ainda faltando quinze segundos! "Ô ratazana!"

Nesses excertos, observa-se que o comentarista sempre descaracteriza o juiz, nunca o chamando pelo nome. Diferentemente do que acontece com os jogadores brasileiros e italianos, o comentarista se refere ao árbitro sempre como "esse juiz". Vale destacar que o nome próprio, na cultura brasileira é de extrema importância, bem como quando nascemos já há um registro no cartório para identificar tal pessoa. Ou seja, quando a equipe de transmissão da partida verbaliza "esse juiz" se produz um sentido de que o mesmo não tem relevância e que tudo que ele faça haja uma certa desconfiança.

Já o enunciado "absurdo" e sua constante repetição são utilizados com frequência em nossa cultura em situações quando há escândalos políticos envolvendo corrupção e grandes roubos. Dessa forma, este reforça que há determinada predisposição do árbitro em cometer erros contra a Seleção

Brasileira, sendo assim, considerado ladrão e não merecedor do exercício de sua função como juiz. Por outro lado, quando algum jogador italiano sofre uma falta, o discurso do narrador e do comentarista é completamente diferente. Em nenhum momento a equipe de transmissão utiliza o enunciado “absurdo” para caracterizar uma falta cometida por algum brasileiro sobre os italianos.

Além disso, também é necessário analisar como a voz do comentarista está inserida nesse contexto. No minuto 34' 55", por exemplo, quando o comentarista diz: “Absurdo, absurdo, absurdo, não houve impedimento”. Assim, é possível observar que o comentarista usa uma voz ríspida, aguda e gritante. O tom de voz utilizado reforça seu sentimento de revolta e raiva no momento em que está fazendo seus comentários. Tais elementos produzem sentidos ancorados em uma dada vontade de verdade: a de que a arbitragem é imparcial e que a Seleção Brasileira está sendo constantemente prejudicada.

Comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica à de torcedor

Outra regularidade discursiva que vale destacar é a posição sujeito do comentarista e do narrador ao longo da transmissão. Na posição-sujeito de jornalistas esportivos, espera-se que ambos exerçam a função de informar ao público. Com isso, o narrador é responsável por descrever os lances, já o comentarista tem a função de analisar taticamente e tecnicamente a partida. Contudo, como assevera Foucault (1987, p. 59) “as posições de sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos”. Assim, ao analisar a transmissão, observa-se que, ao enunciar, há um deslocamento da posição-sujeito jornalista esportivo – que seria aquele que relata, que observa, que descreve – para a posição-sujeito de torcedor.

No minuto 58' 55", o narrador, antes de começar o segundo tempo, diz:

“Deus há de nos ajudar para ganharmos esse cortejo”. Esse mesmo tipo de enunciado se repete no minuto 1h 15' 04", quando o narrador enuncia: “pode ser o segundo gol do Brasil, Deus queira”. Pela terceira vez, no minuto 1h 31' 03", o narrador diz: “com o Brasil de tricampeão, se Deus quiser”. Em 1h 13' 39", o narrador declara sua torcida: “Vamos embora, Brasil!”. Esse mesmo enunciado acontece exatamente da mesma forma no minuto 1h 17' 29", repetindo o “Vamos embora, Brasil!”. Tal enunciado se repete pela terceira vez no minuto 1h 20' 36", quando o narrador comemora o segundo gol brasileiro: “Vamos embora, Brasil, vamos para o tri, vamos para o tri, Brasil, se Deus quiser”. No minuto 1h 16' 31", também é perceptível tal torcida, quando o narrador dá uma informação sobre caso a partida acabe empatada: “se houver empate, o que não esperamos, porque estamos contando com a vitória do Brasil por 3 a 1, mas se houver empate, prorrogação de 30 minutos, se persistir o empate, novo jogo na terça-feira. Mas esperamos que o Brasil vença por 3 tentos a 1”.

Outro excerto é o minuto 1h 21' 27", quando o narrador diz que o atleta italiano precisa ser expulso por uma falta cometida em cima de Pelé: “Tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso, tem que ser expulso!”. Logo após o jogador ser expulso, o narrador diz, no minuto 1h 22' 02": “Brasil, vamos na bola, vamos na raça, vamos no coração, vamos para o tricampeonato Brasil!”.

Vemos se desenhar essa posição-sujeito também nas falas do comentarista ao longo da transmissão radiofônica. Logo após o segundo gol brasileiro, no minuto 1h 19' 54", o comentarista diz: “Avante, Brasil!”. O mesmo enunciado se repete no minuto 1h 22' 20" e no minuto 1h 24' 43". Pela quarta vez, no minuto 1h 26' 47", o comentarista diz: “Avante, Brasil, a corrente da vitória brasileira”.

Em primeira instância, vale destacar a utilização recorrente do enunciado “se Deus quiser”. Esse tipo de enunciado é validado e pronunciado pelo narrador justamente por conta de o Brasil ser considerado um país cristão. Esse discurso também constitui o ouvinte brasileiro cristão que faz

cotidianamente suas orações a Deus e que espera um dia ser atendido. Um brasileiro que tem esperança e acredita que algo maior do que ele pode operar milagres e fazer o impossível se tornar real. O tornar-se real, nesse caso, é a conquista de mais um título nacional para o Brasil. Assim, são 90 milhões de brasileiros em constante oração para que o bem (Seleção Brasileira) vença o maligno (Seleção Italiana).

Outra construção de sentido que pode ser observada quando narrador utiliza enunciados referentes ao divino é a tentativa de transformar os simples atletas em semideuses e seres com superpoderes. Dessa forma, quando os enunciados são verbalizados favoráveis somente à Seleção Brasileira, cria-se um sentido de que os atletas brasileiros estão sendo amparados pelas forças divinas e que isso pode favorecer a equipe brasileira em campo.

Além da utilização constante desses enunciados relacionados ao divino, também há de se destacar o uso do "Avante, Brasil!" com frequência. Analisando discursivamente, a produção de sentidos desse enunciado se liga com outros enunciados verbalizados anteriormente, no funcionamento do campo associado. Um fato relevante é que esse mesmo enunciado "Avante, Brasil!" foi utilizado também com frequência na Proclamação da República do Brasil, em 1889. Ou seja, quando esse enunciado é utilizado no comentário da narração, emergem sentidos próprios de valores ufanistas, de independência, liberdade e autonomia. A cada gol do Brasil, em que o comentarista diz "Avante, Brasil!", constrói-se a ideia de que o futebol brasileiro é independente e pode jogar seu melhor futebol, sem precisar "importar" alguma característica do futebol europeu.

Pode-se também citar vários outros contextos em que o "Avante, Brasil" foi utilizado para produzir um sentido de liberdade e autonomia. Em 1930, a Revolução liderada por Getúlio Vargas já utilizava esse discurso de avanço. Outro momento histórico relevante que reverberou esse discurso foi no governo de Juscelino Kubitschek, juntamente com o famoso enunciado "50 anos em 5". Por fim, seis anos antes da Copa do Mundo de 1970, em 1964, o Brasil viu seu país ser transformado em uma ditadura militar. Novamente, o

discurso de “Avante, Brasil” apareceu de forma evidente nos dizeres dos principais grupos políticos favoráveis a essa conjuntura política. Dessa forma, é perceptível que o “Avante, Brasil” verbalizado pelo narrador se liga a diversos outros contextos políticos e sociais da história brasileira.

Assim, para que tais enunciados existam, é preciso uma base histórica e social. Foucault (1996) frisa que não se pode falar de qualquer coisa em qualquer época, sendo preciso considerar as condições históricas para o aparecimento de um objeto discursivo que garantam esse dizer em determinada época. Sargentini e Navarro (2004) corroboram evidenciando que não é qualquer sujeito que pode sustentar um discurso. Assim, o narrador e o comentarista estão em uma condição histórica que permite que os mesmos sejam verdadeiros torcedores.

Sargentini e Navarro (2004) ainda explicam que é preciso, antes de tudo, que lhe seja reconhecido o direito de falar, que fale de um determinado lugar reconhecido pelas instituições, que possua um estatuto tal para proferir discursos. Gregolin (2007) também evidencia que discurso é o espaço em que saber e poder se articulam, ou seja, compreender que quem fala, fala de algum lugar, sempre baseado em um direito reconhecido institucionalmente.

Dessa forma, quando o narrador e comentarista verbalizam enunciados de torcida à Seleção Brasileira, os mesmos estão sendo sustentados em um direito reconhecido institucionalmente, que nesse caso é um veículo de comunicação de massa brasileiro. Esse mesmo discurso a favor da Seleção Brasileira em outro país não surtiria o mesmo efeito.

Por fim, também vale destacar a importância da voz nesse cenário de comentarista e narrador na posição sujeito de especialista se transformando em torcedores. Enquanto profissionais da comunicação, na posição-sujeito de jornalistas-esportivos, ambos deveriam se manter isentos e realizarem seu trabalho com imparcialidade.

Sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio

A sonoplastia da narração em prol da construção discursiva dos ídolos

do futebol também é uma regularidade a ser destacada. Na materialidade, observamos de maneira mais presente na narração em si (narrador e comentarista) – verbo (texto) e sua vocalização –, bem como no silêncio e também em um efeito sonoro específico, sempre utilizado em lances que são favoráveis à Seleção Brasileira. O recurso sonoro se caracteriza como uma vinheta que diz: “Brasil, sil, sil, sil, sil, sil”. Vale destacar que esse recurso é utilizado enquanto o narrador ou o comentarista falam, misturando-se, então, com a narração e os comentários. Um fato relevante nessa análise é que a vinheta é a mistura de um homem gritando “Brasil, sil, sil, sil, sil, sil” juntamente com um efeito sonoro que remete a um som de alerta (como se fosse uma sirene). Tal função produz um sentido de identificação sonora entre os ouvintes, sempre remetendo o som a grandes momentos da Seleção Brasileira naquela referida Copa do Mundo.

Em todos os quatro gols da Seleção Brasileira, há a utilização dessa vinheta, diferentemente de quando a equipe italiana faz seu gol, sem a inserção de recursos sonoros. Neste caso, o silêncio é prenhe de sentidos, seja como uma espécie de apagamento ou minimização do próprio acontecimento, como uma lamentação pelo ocorrido, como algo não digno de um som capaz de exaltá-lo.

Em todos esses momentos, compreende-se que os recursos sonoros são constitutivos deste enunciado – transmissão da partida –, conferindo-lhe sentidos. Além de criar uma identificação com o público que está ouvindo, o recurso propicia um cenário de êxtase e animação frente aos lances que estão sendo descritos. Juntamente com a voz do narrador e o barulho da torcida, o efeito sonoro se mistura com outros elementos sonoplásticos e permite um ambiente de animação por parte dos ouvintes.

Sobre a utilização de tal recurso sonoro (efeitos), Almeida (2004) expõe que esse mecanismo sonoro permitiu uma maior proximidade entre o narrador e os ouvintes. O autor ainda frisa que o rádio buscou por meio dos vários recursos da linguagem radiofônica (a capacidade emotiva da voz, músicas, vinhetas) levar a magia ao ouvinte. Essa magia citada pelo autor é

constantemente observada na narração em questão, utilizando-se dos recursos sonoros para transformar a partida de futebol em um verdadeiro espetáculo. O estilo de narração super veloz e as inserções dos comentaristas deixam a transmissão mais dinâmica e fluida.

Algumas considerações

A discussão desenvolvida neste artigo, da construção teórica erigida pelo próprio movimento de análise até sua realização, buscou analisar discursivamente a transmissão radiofônica (da Rádio Nacional) da final da Copa do Mundo de 1970 e compreender como a mesma construiu os ídolos do futebol brasileiro.

Para que tal indagação fosse respondida, buscou-se, primeiramente, discutir como se deu o encontro entre rádio e futebol e como ambos foram importantes no processo de popularização do esporte e também do meio de comunicação.

Dessa forma, os objetivos em questão foram amplamente debatidos ao longo da discussão teórica e da análise discursiva da narração. Os objetivos se estabelecem em analisar, a partir da Análise do Discurso Francesa com recorrência a Michel Foucault, as coberturas jornalísticas esportivas no rádio, envolvendo narradores, repórteres e comentaristas.

Um dos objetivos centrais foi também refletir sobre a relação entre discurso e sujeito, para a compreensão de como a transmissão radiofônica se relaciona com os ouvintes, discutindo a relevância e influência do rádio no processo de popularização do futebol no Brasil. Houve, além disso, um olhar sobre a importância deste meio de comunicação na sociedade brasileira, e, por fim, levantando quais regularidades discursivas se fazem presentes nas transmissões futebolísticas no rádio que constroem os ídolos do esporte.

Com isso, o artigo caminhou para entender o que é considerado discurso na corrente foucaultiana e como este é inerente às relações sociais, sendo condição e produto da história. Além disso, a pesquisa se debruçou também em compreender como o discurso, na ótica foucaultiana, funciona no

campo midiático, visto que a pesquisa analisa discursos midiáticos radiofônicos. Afinal, a mídia desempenha um papel central na construção dos ídolos do futebol brasileiro.

A Análise do Discurso propõe que a própria construção teórica se dá mediante incômodo do pesquisador frente ao seu objeto analítico. Para a realização desse empreendimento analítico, Orlandi (2013) explica que são necessários dois movimentos fundamentais: descrever e interpretar o objeto.

Como gesto de análise, levantaram-se cinco regularidades discursivas que estão presentes na narração e que explicitam a construção discursiva de ídolos do futebol brasileiro. A partir das materialidades discursivas na narração, o gesto de interpretação buscou compreender quais sentidos são produzidos e colocados em circulação.

As análises das cinco regularidades discursivas presentes na narração, da final da Copa do Mundo de 1970, apontam para o funcionamento discursivo na construção dos ídolos do futebol no enunciado em questão: nomeação valorativa dos jogadores; narrativa das jogadas de destaque; avaliação da arbitragem: o desafio na trajetória do herói; comentarista e narrador: da posição sujeito de especialista/técnica à de torcedor; e a sonoplastia: trilha sonora, efeitos sonoros e o silêncio.

Tais regularidades discursivas foram essenciais no debate sobre como a linguagem (discurso, neste caso) radiofônica foi utilizada para a formação de ídolos nacionais do esporte. Cada uma delas evidenciou sinais e múltiplos sentidos que são colocados em uma partida de futebol transmitida via rádio.

Observou-se que os narradores e comentaristas constroem, a todo o momento, os ídolos do futebol brasileiro em suas enunciações. Isso se deu por inúmeras estratégias discursivas, que constituem o próprio funcionamento da narração esportiva e que, não obstante, é o resultado de uma ligação com vários outros discursos já existentes, retomando novamente a questão da memória discursiva debatida por Gregolin (2007).

Com isso, a criação do ídolo no futebol brasileiro se dá primeiramente no entendimento do porquê de certos discursos serem verbalizados em uma

situação e em outros momentos, não. Trazendo para o objeto em questão, compreender como os narradores e comentaristas anunciam as jogadas, dribles e gols dos jogadores da Seleção Brasileira e como isso não acontece com a Seleção Italiana é de suma importância na elaboração de uma resposta para a questão norteadora.

Dessa forma, o ídolo é criado no exato momento em que o discurso é produzido e colocado em circulação para os ouvintes brasileiros apaixonados por esse esporte, produzindo sentidos sobre e para os atletas naquele determinado momento histórico. A Seleção Brasileira, após o fracasso na edição anterior da Copa do Mundo, vinha em busca do seu tricampeonato. A expectativa da retomada de um futebol que enchesse de orgulho o brasileiro só seria possível através de um discurso que pudesse elevar o status dos jogadores, transformando-os em reais ídolos brasileiros. A escolha por esses ídolos se deu justamente por aqueles que melhor representavam a camisa verde e amarela, envolvendo os autores dos gols e também outros jogadores que estavam nas conquistas de 1958 ou 1962.

Logo, destacam-se as condições de possibilidade para o aparecimento deste discurso e não outro em seu lugar no momento social e político do Brasil em 1970. Tratava-se de um país com um senso de nacionalismo exacerbado e com traços ufanistas. Assim, a criação de ídolos não se deu de uma forma casual. Há uma ordem do discurso que o faz aparecer em dado momento da história, e que, neste caso em tela, se dá por meio do maior meio de comunicação da época, em um evento esportivo de escala mundial que liga de modo íntimo o rádio, o futebol e seus ouvintes/torcedores.

Referências

ABREU, João Batista. **Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo**. Trabalho apresentado para a disciplina Comunicação e Significação, do Prof. Milton José Pinto, do programa de pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1. sem. 2001.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional**. Rio de Janeiro: Faperj/Mauad, 2002.

ALMEIDA, Alda de. Rádio e Futebol: gritos de gol de Norte a Sul. II Encontro Nacional de História da Mídia – Rede Alfredo de Carvalho, **Anais [...]**, Florianópolis, 2004.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

CAMPBELL, Joseph. **O Poder do Mito**, São Paulo: Palas Athena, 1990.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERRARETTO, Luiz Arthur. Rádio e capitalismo no Brasil: uma abordagem histórica. In: HAUSSEN, Doris Fagundes.; BRITTOS, Valerio Cruz. (Org.). **Economia política, comunicação e cultura: aportes teóricos e temas emergentes na agenda política brasileira**. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2009. p. 93-112.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FUTNATICO. Brasil 4 x 1 Itália Final Copa 70 completo Jorge Curi e Waldir Amaral. 2018. Disponível em. <<https://www.youtube.com/watch?v=ya5N1JbEPpQ>> . Acesso em 07 março de 2022.

GÖTZ, Ciro Augusto. A narração esportiva no rádio do Brasil: uma proposta de periodização histórica. **Revista Âncora**. João Pessoa, v.7, n.1, p. 66-86, jan./jun. 2020.

GREGOLIN, Maria. Análise do Discurso e mídia: a (re)produção de identidades. **Comunicação, Mídia e Consumo (CMC) – Revista de Comunicação**, São Paulo, v. 4, n. 11, 2007.

GUERRA, Márcio. **Rádio x TV: O jogo da narração**. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor. Juiz de Fora: Juiz de Forana Editora e Gráfica, 2006.

HELAL, Ronaldo. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

MARQUES, José Carlos. **O mito construído, desconstruído e restituído: o caso cíclico de Ronaldo Fenômeno**. In: Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 28., 2005. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de Discurso – princípios e procedimentos**. 11. ed. São Paulo: Pontes Editores, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Papel da Memória. In: ACHARD, Pierre. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

ROLLEMBERG, Denise. **Exílio**: entre raízes e radares. Rio de Janeiro: Record, 1999.

RUBIO, Katia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, v. VI, n. 119 (95), ago. 2002.

SARGENTINI, Vanice. A descontinuidade da história: a emergência dos sujeitos no arquivo. In: SARGENTINI, V; NAVARRO-BARBOSA, P. (org). **Foucault e os domínios da linguagem**: discurso, poder, subjetividades. São Carlos: Claraluz, 2004, p 77-96.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar, o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.

SOUSA, Katia Menezes de. Das condições de possibilidade dos discursos em Michel Foucault: uma breve análise do presente. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (org.). **Discursividades contemporâneas**: política, corpo, diálogo. Campinas: Mercado de Letras, 2017, p. 101-129.